

**AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA TRATAR DOS CASOS JOÃO  
DOMINGUES E DORIVAL FERREIRA**

**COMISSÃO DA VERDADE**

**PRESIDENTE**

**DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT**

**12/09/2013**

**COMISSÃO DA VERDADE****BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.****12/09/2013**

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** É, está bom. Pode ler o contexto. É bom ler sentado aqui de frente, já senta os dois.

Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva. Septuagésima Segunda Audiência Pública, 12 de setembro de 2013, Plenário Dom Pedro.

Instalação da Septuagésima Segunda Audiência Pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, no dia 12 de setembro de 2013, às 14h, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, no Plenário Dom Pedro, para a oitava de depoimentos sobre os casos de João Domingues da Silva e Dorival Ferreira.

Esclarecemos que a Comissão da Verdade pretende realizar todas as audiências abertas ao público.

Hoje, a nossa depoente vai ser a Ana Gomes, mas inicialmente nós faremos a leitura do memorial de Dorival Ferreira que vai ser feita pela Thaís Barreto.

**A SRA. THAÍS BARRETO** – Boa tarde a todos, eu sou Thaís Barreto, trabalho na assessoria da Comissão da Verdade e vamos ler aqui um breve resumo da biografia do Dorival.

Dorival Ferreira foi assassinado em 3 de abril de 1970. Ele nasceu em 5 de novembro de 1931 em Osasco, São Paulo. Filho de Domingos Antônio Ferreira e Albina Biscuola Ferreira. Ele era militante da Ação Libertadora Nacional – ALN. Era operário da construção civil e líder sindical, pai de seis filhos. Foi morto por agentes do DOI-CODI de São Paulo. Na noite de 2 de abril de 1970, os policiais invadiram a casa do líder operário em Osasco quando foi ferido e preso.

Entre os documentos que foram encontrados no DOPS São Paulo e anexados ao caso, há uma ficha de filiação de Dorival ao Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e uma ficha policial onde consta "Moraes" datada de 30 de abril de 1970 informando que o mesmo foi executado no dia 3 de abril de 1970, isto é, no dia seguinte a sua prisão. O documento cujo código pode ser encontrado no arquivo público sob o número 30Z16012765.

Os jornais "Última Hora" e "Notícias Populares" de 4 de abril de 1970 confirmaram a versão da polícia de que Dorival morreu em tiroteio com agentes da repressão. Em depoimento prestado à polícia em 2 de junho de 1970, seu pai Domingos Antônio Ferreira declarou que no dia 2 de abril do corrente ano, no tiroteio travado entre ele Dorival e policiais, veio a falecer. Se dirigiu até a casa de Dorival e quando lá chegou só encontrou policiais, os quais lhe disseram em resposta à pergunta do declarante que seu filho estava preso e tinha sido conduzido até a polícia sem entretanto dizer onde. Desmentindo a versão policial de que Dorival foi morto com uma rajada de metralhadora em sua casa ao tentar fugir do tiroteio que travou com os policiais.

O laudo necroscópico assinado por Octávio D'Andrea e Antônio Valentini, não está muito claro em alguns trechos, nas últimas linhas pode-se ler, "retiramos um projétil de calibre maior que os anteriores localizados na articulação coxofemural esquerda", o que comprovaria que Dorival levou um tiro, provavelmente de metralhadora, ao atender o chamado no portão de sua casa, conforme relata a sua esposa. Estranhamente o laudo do Instituto de Perícia Técnica – IPT, solicitado às 12:50 de 3 de abril pelo Delegado Titular de Ordem Política Alcides Cintra Bueno Filho foi feito no IML após a necropsia do cadáver.

Todos os ferimentos descritos, que somam onze, foram provocados por projéteis referentes a cinco tiros, entrada e saída, tendo da coxa perfurada o da outra coxa, contudo chama a atenção o tiro desferido no dedo anular esquerdo, normalmente decorrente da posição de defesa da vítima, indicando uma posição de possível execução, além disso, foi anexado aos autos do processo uma relação de bens encontrados com Dorival na qual não consta nenhuma arma de fogo.

Pelo relato dos familiares, Dorival foi procurado em sua casa em Osasco pelos policiais em 2 de abril por volta das oito da noite. Quando foi atender o chamado ao

portão, percebeu que eram policiais que queriam prendê-lo, voltou-se de costas para entrar em casa e recebeu um tiro que o atingiu na altura dos quadris. Em seguida tentou fugir pelo fundo da casa, mas antes passou pelo quarto e preveniu a sua companheira Esterlita. Ela pediu à filha, Ângela, que se encontrava na sala, para avisar ao avô que morava nas mediações.

Quando o Sr. Domingos, pai de Dorival chegou à casa encontrou-a repleta de policiais, tanto dentro como do lado de fora. Os militares apontaram uma arma na cabeça do avô e da neta, que na época tinha apenas 14 anos de idade. Ela e seus irmãos menores ficaram no quarto proibidos de sair, enquanto Esterlita e Domingos eram interrogados sob ameaças na cozinha. Em seguida foram levados presos para o DOPS de São Paulo.

Os jornais, "Notícias Populares" e "Última Hora", confirmaram a versão policial, mas o "Última Hora" de 4 de abril de 1970 esclareceu que, "devido ao fato de na ocorrência envolvessem elementos da OBAN, pouco acesso tive à imprensa na apuração das causas reais que provocaram o tiroteio".

Os jornais do dia citados noticiaram também que foi montado um forte aparato policial na cidade de Osasco, onde havia inúmeros soldados da Força Pública patrulhando as ruas e portando metralhadoras. Na Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, seu caso foi registrado sob o número 083/96. Teve como relatora Maria Eunice Paiva e foi aprovado por unanimidade em 29 de fevereiro de 1996.

Os dados aqui apresentados foram extraídos do livro "Dossiê Ditadura: Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil (1964-1985)".

**O SR. RICARDO KOBAYASHI** – Boa tarde a todos e todas, meu nome é Ricardo Kobayashi, eu passo agora à leitura do memorial de João Domingues da Silva.

João Domingues da Silva nasceu em 2 de abril de 1949 em Sertanópolis no Paraná. Filho de Antônio José da Silva e Eliza Maria de Jesus, foi morto em 23 de setembro de 1969. Era militante da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares, a VAR-PALMARES.

João Domingues da Silva, desde os 10 anos de idade, ajudava o pai no trabalho com o gado em Jataizinho, também no Paraná. Aos 12 anos já trabalhava no matadouro de Ibiporã, Paraná e aos 13 foi trabalhar em açougue em Osasco, Estado de São Paulo. Posteriormente tornou-se operário e um dos líderes das paralisações e greves realizadas em Osasco entre junho e julho de 1968 duramente reprimidas.

Essas greves foram lideradas pelo sindicato dos metalúrgicos cujo Presidente era José Ibrahim, militante da VAR-PALMARES. Em função da sua atuação política, João Domingues, membro da VPR e depois da VAR-PALMARES, foi, por diversas vezes, ameaçado de prisão e morte.

Dados sobre seu assassinato: em 29 de julho de 1969 João Domingues estava em companhia de Fernando Borges de Paula Ferreira quando foram emboscados por agentes do DEIC no Largo da Banana em São Paulo. A emboscada teria resultado no assassinato de Fernando. João Domingues, apesar de ferido, conseguiu escapar indo para a casa de sua irmã em Osasco, onde foi preso no mesmo dia.

Os agentes do DEIC transportaram João para o Hospital das Clínicas onde recebeu assistência médica. Em 4 de agosto foi submetido a exame de corpo de delito, lesão corporal, assinado pelos médicos José Francisco de Faria e Abeylard de Queiroz Orsini que descrevem "um único ferimento por arma de fogo na face anterior do hemitórax esquerdo e vários ferimentos corto-contusos na região occipital".

Mesmo correndo risco de morte, os agentes do DEIC o transportaram para o Hospital Geral do Exército iniciando os interrogatórios de torturas que culminaram com sua morte em 23 de setembro.

Antenor Meyer, ex-presos político, contou que foi preso em 3 de setembro de 1969 e após passar por cirurgia no Hospital das Clínicas foi transferido para o Hospital Geral do Exército ficando no mesmo quarto que João Domingues da Silva que se encontrava muito mal, palavras de Antenor Meyer: "durante os primeiros dias, ele ainda tinha forças para falar. As mães, que davam atendimento aos doentes, informaram-me dias antes do seu falecimento que ele não sobreviveria, pois o hospital não tinha recursos médicos suficientes para dar o tratamento que o estado clínico de João exigia. O atendimento se limitava à prescrição de soro e alimentos como que aguardando o desenlace de João que ocorreria alguns dias depois".

Sua irmã, Iracema Maria dos Santos, relatou em depoimento: "João chegou em casa baleado, estava ensanguentado e limpamos rápido o corpo e amarramos uma faixa para estancar o sangramento. Era apenas um buraco de bala no peito um pouco abaixo do mamilo esquerdo, a bala não tinha chegado a atravessar o corpo ficando parada nas costas. Sentimos que a casa estava sendo cercada por mais de 50 viaturas da polícia, levaram-no para o Hospital das Clínicas. Alguns dias depois fiquei sabendo que o Exército o tinha sequestrado. Fui várias vezes ao Hospital Geral do Exército e diziam que não estava lá. Depois de 33 dias que o tinham tirado de minha casa foram ao meu serviço dizendo que ele estava muito mal, que tinha passado por uma cirurgia e que iria ter que repetir, mas que precisavam da assinatura de alguém da família. Quando entrei fui tomada de um pânico tão grande que eu nem acreditava, que aquele esqueleto humano que estava na minha frente era meu irmão".

O laudo de necropsia inclui, além do ferimento descrito no exame de corpo de delito, cicatrizes cirúrgicas, escaras no decúbito da região sacra e mais um ferimento por projétil na região vertebral, terço inferior. Assinam os laudos os legistas Octávio D'Andrea e Orlando Brandão e apontam como causa mortis Colapso Tóxico-Infeccioso.

A evidência do assassinato fica constatada ao comprovar-se que, ao ser retirado do Hospital das Clínicas, João apresentava apenas um ferimento produzido por arma de fogo, consequência da emboscada. Ele foi enterrado por seus familiares em Osasco. Segundo a análise da relatora do caso na Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, Suzana Lisboa, em seu parecer de 1996, no início de 1969 a repressão política ainda se articulava para compor o aparato organizado que viria a se formar na década de 1970.

Por isso ainda se preocuparam em buscar Iracema para que ela testemunhasse que cuidavam do irmão. A relatora concluiu que, mais de 25 anos depois, os dados confrontados do laudo de exame do corpo de delito com o necroscópico atestam que João Domingues, preso com ferimento no tórax, foi sequestrado do Hospital das Clínicas onde teria todo o atendimento possível e morreu em consequência de ferimentos pérfuro-contundentes no abdome. Após os votos da relatora e do conselheiro Nilmário Miranda, favoráveis ao reconhecimento da responsabilidade do Estado e do General Oswaldo Pereira Gomes, contrário, Luiz Francisco Carvalho pediu vistas ao caso. Foi expedido ofício ao Hospital Geral do Exército em São Paulo, onde João esteve

internado e morreu com a seguinte resposta, "não consta de prontuário ou no livro de entrada e nem ficha de internação médica hospitalar do referido paciente na data e período provável mencionado de sua entrada e mesmo durante esse ano".

Em resposta à similar indagação, o Deputado Nilmário Miranda obteve pessoalmente a seguinte declaração da divisão de arquivo médico do Hospital das Clínicas de São Paulo: "consta nos arquivos deste hospital que o paciente João Domingues da Silva, registro 902.993 foi internado em 30 de julho de 1969 tendo obtido alta neste mesmo dia, causa alegada no local: ferimento por arma de fogo. Diagnósticos: ferimento de região abdominal por projétil de arma de fogo, ferimento de estômago, fígado, diafragma e pulmão. Conduta: tratamento clínico em 30 de julho de 1969, laparotomia exploradora, esplenectomia, sutura de estômago, fígado, diafragma e pulmão. Consta no resumo mecanizado de alta do paciente como médicos que o atenderam, Dr. Okamura, Dr. Fujimura, Dr. José Mário Reis e Dr. Medeiros, este anestesista.

Em resposta ao pedido da Comissão Especial, a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo encaminhou cópia de documentos oriundos ao antigo DOPS, que se encontram no arquivo do Estado de São Paulo.

Um. Cópia truncada de reportagem publicada em 31 de julho de 1969 pelo jornal "A Gazeta" sob o título "Homens do bando da Metralha estão caindo nas mãos da lei". A reportagem confirma o depoimento da irmã no sentido de que João foi preso em sua residência, informa que ele estava internado no Hospital das Clínicas e que as investigações estavam em franco desenvolvimento.

Dois. Boletim de ocorrência do Vigésimo Terceiro Distrito de Polícia de 29 de julho de 1969, sobre o episódio que culminou com ferimento sofrido pela vítima, foi registrado por solicitação telefônica às vinte e três horas. Os ocupantes do veículo onde estariam João e outra pessoa identificada como Sérgio Luiz Mota ou Humberto Turra reagiram a tiros a abordagem policial. Sérgio ou Humberto foi morto no local. João ferido conseguiu fugir, mas foi detido posteriormente na cidade de Osasco. Informa ainda que três feridos foram socorridos no Hospital das Clínicas não especificando se João era um deles.

Três. No trecho denominado Relatório especial de Informação número 23, do Quartel General do Exército em São Paulo datado de primeiro 1º de agosto de 1969, poucos dias depois da prisão, há um capítulo dedicado a João Domingues da Silva. Conta como ele foi preso e submetido a leve interrogatório em face de seu estado de saúde. A importância da prisão estaria delineada no item cinco do mesmo documento "a prisão de João Domingues da Silva permitiu o levantamento de mais uma base da VPR, tal terrorista convenientemente interrogado quando seu estado de saúde permitir, poderá fornecer novos dados que conduzam à desarticulação de novas bases e a prisão de seus integrantes".

Foram fornecidas ainda cópias da certidão de óbito dando conta de que a requisição foi do DOPS e não do hospital, e de diversos outros documentos relacionados com a militância de João Domingues. Não foi encontrada na documentação nenhuma referência ao local exato do óbito que se supõem ser o Hospital Central do Exército. Foi solicitado também um parecer médico para se compreender melhor as diferentes lesões registradas no laudo de corpo de delito, exame realizado no dia de sua internação e do laudo cadavérico do IML e suas eventuais incompatibilidades.

Foi possível recompor em parte a trajetória de João Domingues da Silva nos últimos dias de vida, vítima de tiroteio em 29 de julho no bairro da Barra Funda, São Paulo, ao ser baleado, fugiu. Foi para a casa da irmã, enfermeira, em Osasco onde recebeu os primeiros cuidados e acabou sendo preso no mesmo dia. Deu entrada no Hospital das Clínicas em 30 de julho e foi imediatamente submetido a exame de corpo de delito constatando-se o risco de vida e uma laparotomia exploratória, cirurgia de grande extensão com sutura de estômago, fígado, diafragma e pulmão e, por incrível que pareça, em vez de ser levado para a UTI, recebeu alta no mesmo dia 30.

A informação é de alta médica na data da cirurgia e não de transferência hospitalar. Há uma nítida relação entre a causa e efeito entre a morte e o tratamento destinado à vítima pelos agentes do Poder Público. Foi retirado do hospital e levado para local ignorado, o objetivo era um só, obter informações capazes de dismantelar o "Bando de Metralha", como dizia o jornal sensacionalista ou a VPR como dizia o austero documento do comando militar com a desarticulação de novas bases e a prisão

de seus integrantes, caso contrário, a vítima permaneceria internada no Hospital das Clínicas, ainda que sob vigilância policial.

O interesse da repressão não poderia se sobrepor ao tratamento médico de que era merecedor, como qualquer pessoa operada. Estava sob a guarda de agentes do Poder Público e, vítima desse tratamento, morreu de morte não natural. Luiz Francisco Carvalho Filho apresentou o relatório de seu pedido de vistas favorável à aprovação do requerimento. O caso na Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos foi deferido por seis votos a favor e um contrário, o do General Oswaldo Pereira Gomes, em 9 de fevereiro de 1998.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Obrigado. Vamos lá Aninha? Com a palavra a Ana Gomes, vai testemunhar sobre João Domingues da Silva. Agradeço viu, Ana, por você ter voltado e vamos contar mais um pouco dessa nossa agonia, dessa história que nunca resolve. Tem um microfone para ela ficar mais a vontade? Com a palavra Ana Gomes.

(Inaudível)

**A SRA. ANA MARIA GOMES** - Bom, de novo, não é? Não é nada fácil estar aqui e falar sobre essa questão, mas enquanto eu vinha, eu estava imaginando como é para vocês, que fazem parte dessa Comissão, ouvir sempre, em todas as Sessões, essa história como o Deputado falou interminável e cada vez com mais dados, cada vez se aprofundando mais nessa tragédia que foi esse período do Brasil.

Eu queria começar dizendo, então sobre o João, bom, eu tenho que dizer meu nome, não é? Ana Maria Gomes. Na época da morte do João, prisão e morte, eu era casada com o irmão dele, o Roque Aparecido da Silva. Eu me encontrava na clandestinidade, periodicamente tinha encontros com o João, muito mais como companheiro de militância do que como um familiar, e quero dizer também então, que o meu depoimento aqui, uma vez em que eu estava na clandestinidade é o que eu ouvi da

Iracema, a irmã do João, que foi a pessoa que teve o maior contato com ele tendo acompanhado desde o momento em que ele chega ferido na casa dela, até o momento da morte e tendo visto o cadáver e tendo constatado quais eram as condições dele no momento em que foi preso e depois da morte.

Bom, o João era militante da VPR, ele vai se integrar à VPR juntamente com o grupo de pessoas que trabalhavam durante o dia nas fábricas em Osasco e eram estudantes à noite. O João fazia parte desse grupo e então se integra à VPR como todo o grupo fez no final de 1968 após a greve de Osasco que levou à greve de julho de 68 e que levou a grande parte de nós à clandestinidade e à semiclandestinidade. O João estava um pouco nessa mesma situação, um pouco como era o meu caso que a gente chamava de semiclandestinidade. Eram pessoas que não tinham a necessidade de entrar completamente para a clandestinidade, mas tinham que tomar muito cuidado para não serem vistos nos lugares de sempre, onde era conhecido e tudo isso.

Bom, o João, ele vai ,por uma série de habilidades que ele tinha, ele vai integrar o grupo da VPR que estava mais vinculado a planejamento de ações e coisas como essa, e foi, bom, daqui a pouco eu volta a isso. O João, ele estava, aí é o que é difícil, porque além de ser uma carga emocional muito forte, a gente tem que procurar resgatar na memória o que aconteceu.

Bom, o que eu me lembro é que o João estava em um carro junto com o, que era companheiro, que era chamado de Fernando Ruivo, que eu não me lembro do nome verdadeiro dele, eles tiveram um problema mecânico no carro e pararam e o Fernando foi se inclinar para ver o problema mecânico e apareceu a arma que ele tinha escondido na calça e nesse momento passa uma Rádio Patrulha e vê isso, vê ele armado e que o momento já não era mais para interrogatório, mas era mais por parte da repressão de começar a atirar sem fazer perguntas e foi isso que aconteceu, o Fernando foi morto na hora e o João saiu ferido, conseguiu escapar, ele também estava armado, então ele obrigou um táxi a levá-lo até Osasco.

Quer dizer, por que ele vai para Osasco? Porque a casa onde ele estava guardado era a casa do Fernando Ruivo e como, nesse caso nós não conhecíamos o endereço para onde éramos levados, por justamente, em caso de prisão, não poder dizer onde e qual

era o endereço e que levava fatalmente à morte e à prisão dos demais companheiros que estivessem na casa.

Bom, então o João vai para Osasco, para a casa da irmã mais velha dele a Iracema e chegando lá ele desceu a uma distância da casa e quando ele se dirigia, até a casa da Iracema, ele foi visto por um guarda noturno. Ele estava todo ensanguentado e foi o guarda noturno que alertou a polícia, o Exército e aí foi. Bom, ele chegou à casa da Iracema, me lembro muito bem que a Iracema me disse mais tarde então, quando nós nos encontramos, que ele tinha um ferimento à bala. Ele tinha um ferimento. Não como depois ele foi internado com vários ferimentos. Ele tinha um ferimento no peito, a Iracema que depois foi considerada pela repressão como a enfermeira, pelo fato dela ter prestado os primeiros socorros, *né?* Ao irmão, ela simplesmente tentou desinfetar o ferimento, passar uma bandagem, passar um pano para estancar o sangue e ela conseguiu fazer isso, nada mais do que isso e a casa foi cercada e foram presos, foram levados não só o João ferido, mas foram levados a Iracema, o marido dela, o pai e o irmão mais novo, o irmão que tinha na época por volta de 14 anos.

Foram todos levados, ficaram alguns dias, não me lembro de quantos dias eles ficaram presos, sendo interrogados, isso foi extremamente traumático, principalmente para o menino que tinha 14 anos, que já tinha um irmão na prisão e depois um outro ferido. Para o marido da Iracema que era uma pessoa muito simples que nem sabia direito o que estava acontecendo, foi muito traumático, para ele era a polícia que tinha levado, que tinha levado ele sem ele saber por que e ele ficou muito envergonhado inclusive por se uma pessoa simples e por não entender direito o que tinha acontecido, ele ficou muito envergonhado com isso e inclusive levou a que ele vendesse mais tarde a casa, a preço assim de nada, e mudasse de bairro.

Bom, a Iracema sempre, sempre demonstrou uma coragem muito grande, quando o Roque foi preso, quando eu fui presa e depois quando o João foi preso ferido, ela entrava pelos lugares assim, mais absurdos e se pensando que era uma pessoa que poderia ser presa também, a qualquer momento, pelas vinculações familiares que ela tinha, ela ia parar assim nos subterrâneos do DOPS para pedir informação, ela levava coisas enfim, uma mulher de uma coragem extraordinária. Bom, ela acabou descobrindo onde o João estava e *visitou ele* algumas vezes. Ao mesmo tempo a Iracema passava informações para nós, ela tinha contato comigo, ela tinha contato com a Ieda também, a

Ieda dos Reis e ela passava as informações, ela passava mensagens da prisão, então permitia a gente acompanhar como é que estava a situação dos companheiros na prisão, me ajudou muito quando eu fui presa, *estar* perfeitamente informada.

Essa dívida eu tenho com a Iracema e é por isso que, apesar dela ter deixado de ser minha cunhada, eu tenho um carinho e um afeto de irmã para com ela, pela solidariedade e pelo fato de ter me ajudado muito quando eu fui presa, o fato de ter informações de dentro da prisão, o que cada um tinha falado, o que a repressão sabia de cada um. Bom, quando o Roque foi preso, a maneira que ele tinha de me mandar recados através da Iracema era usando um apelido que eu tinha que foi o meu avô quem me deu e depois a única pessoa que me chamava depois da morte do meu avô, a única pessoa que me chamava por esse apelido era meu pai.

E então, ele tinha o artifício de dizer que ele mandava um abraço, que ele mandava um beijo, como é que estava a sobrinha dele chamada Nina e era eu. E o João sabia disso e uma das primeiras coisas que ele disse, quando a Iracema chegou para visitá-lo, foi dizer que queria saber como que a sobrinha Nina estava e enfim, que mandava um abraço e sentia saudades, que era a forma enfim do contato com a organização através de mim.

Bom, a gente vê que então o João foi preso no dia 29 de julho e morreu em 23/09. São considerações que eu quero fazer aqui, bom, primeiro, uma pessoa que foi presa, se tivesse sido ferido desde o início, da maneira que ele chegou ao hospital, ele não teria sobrevivido tanto tempo, tanto tempo depois. Foi um tempo, que se ele tivesse sido tratado e tivesse permanecido nas condições que foi preso, não teria porque ele morrer, não teria porque ele ir piorando, piorando, piorando até morrer. Uma pessoa que está lúcida suficiente para lembrar qual é o nome usado pela cunhada para entrar em contato com quem estava preso, estava perfeitamente lúcido, perfeitamente lúcido.

Então, eu acho que são dados que a gente tem, para saber que ele foi torturado, seja a tortura física direta, ou seja, uma tortura que implicava em descuido médico e descuido dos ferimentos dele visando à morte mesmo. Eu acho que isso é claro, *né?*

Bom, a outra questão é que quando eu fui presa, uma das formas de tortura que usaram para comigo, foi um policial do DOPS, naquele momento, um parênteses, naquele momento a repressão queria, estava atrás e buscava, procurava e queria a prisão

do meu irmão e a forma de tortura usada foi o policial descrever como que tinha sido a morte do João e dizendo que iam fazer, ele não disse que meu irmão iria acabar como o João se fosse pego em tiroteio ou qualquer coisa, ele disse que iria acabar como foi o João.

E começou descrevendo que o João apodreceu, foram essas as palavras usadas, ele apodreceu em uma cama no hospital. Apodrecer significa falta de cuidado, significa falta de atenção, de atenção médica e que o fim do meu irmão iria ser exatamente como foi a do João. Eu acho que isso se configura praticamente uma confissão, por que como é que você pode saber que uma pessoa vai ser pega, ser presa e vai terminar com a morte? Então, foi para mim uma confissão da maneira com que o João, eu acho que a gente não pode ter dúvidas que ele foi assassinado, um rapaz de 20 anos de idade.

Bom, felizmente *né*, eu não disse e nem tinha condições na época de dizer mesmo onde se encontrava o meu irmão, felizmente o meu irmão não foi preso e não teve o mesmo fim do João, mas o João morreu e eu acho que esse é o desejo dos irmãos dele que ainda estão vivos, que se apure, formas existem, dados existem que se apure a morte do João.

Eu acho uma coisa que também eu tenho que dizer aqui, é que esse irmão mais novo, o Zé, como a gente chamava, o José Domingues da Silva, ele depois foi para a Suécia onde o Roque estava exilado e ele viveu na Suécia, ele era o irmão mais novo e morreu por volta dos 40 anos de idade em uma situação emocional péssima consumindo drogas, ele teve um câncer, um câncer na garganta, na boca e morreu por volta dos 40 anos de idade.

Eu me pergunto quais foram as sequelas que esse menino tinha da prisão do irmão mais velho? Da morte de um irmão e de uma prisão aos 14 anos de idade, de uma situação dessas?

São dívidas que a ditadura militar tem para com brasileiros que dedicaram a vida, a luta pela democracia. Eu digo mais uma vez que o depoimento da Iracema é fundamental, é fundamental para essa Comissão. Eu estou também à disposição para fazer qualquer contato com ela, também para voltar quantas vezes for necessário e como o Deputado, queria lembrar mais uma vez aqui, apesar de fazer parte do meu depoimento, mas eu quero relembrar e quero fazer algumas correções sobre ontem.

O Deputado falou sobre a necessidade de apurar a participação da polícia e das Forças Armadas Brasileiras no golpe do Chile e na perseguição aos brasileiros que lá estavam. Então, eu quero lembrar mais uma vez o fato de meu irmão ser a única testemunha viva, ele, o Luiz Carlos Guimarães, da intervenção direta da polícia brasileira no Chile, meu irmão então foi torturado, barbaramente torturado no Chile e interrogado em português por militares brasileiros e ele serviu como cobaia para ensinar os militares chilenos a torturar com os nossos métodos avançadíssimos de tortura e então a necessidade de que se apure mais esse braço da repressão brasileira.

E que foi, então eu queria fazer duas correções no meu depoimento. Um, é o nome desse companheiro, ele vive no Rio de Janeiro é Luiz Carlos Guimarães que foi torturado pela mesma pessoa que torturou o meu irmão no Brasil quando da prisão dele. Dizer que depois do meu depoimento eu conversei com alguns companheiros que teriam apurado o seguinte, o nome que eu dei, que era Alfredo Poerner era o nome de guerra deste torturador e o Luiz Carlos Guimarães conhecia esse torturador por esse nome e então descobrimos, descobriram que é um nome de guerra, não era o nome verdadeiro. É por isso que talvez ele não conste em nenhuma lista. Então, é necessário que se investigue quem é esse, o nome verdadeiro desse torturador.

Provavelmente também o policial que me interrogou no DOPS, provavelmente o Roque sabe quem é. Eu não sei, não sei o nome, não o reconheceria porque faz muitos e muitos anos, mas provavelmente o Roque, que também deveria ser chamado para falar sobre a morte do irmão dele, provavelmente ele saiba quem é esse policial. Porque esse policial, quando o Roque foi preso, me interrogou na casa em que nós morávamos.

Bom, é isso que a memória, que eu consigo ter de lembrança.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – Ontem eu dei em um papelzinho, mas não sei se ficou com o Deputado, que a gente combinou, que a gente combinou de dar.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Espere Celeste, pelo amor de Deus. Deixa-a concluir, depois você vai, é o Consul Brasileiro em Santiago do Chile.

**A SRA. CELESTE MARCONDES – –** Exatamente, é.

**A SRA. ANA MARIA GOMES -** Bom, lembrando isso acho que até mais importante do que o nome do Cônsul, foram os companheiros assassinados no Chile, o caso do Wânio que foi, ele teve uma obstrução intestinal, não foi dado nenhum socorro médico, nenhum atendimento médico para ele. O caso do Nelson.

**A SRA. –** (Inaudível), como desapareceu.

**A SRA. ANA MARIA GOMES -** Couto, é.

**A SRA. –** K, O, U.

**A SRA. ANA MARIA GOMES -** Ah, era um sobrenome, isso, Kohl. Eu era muito amiga e ainda sou, ainda tenho contato com a viúva dele que, mesmo depois de muito tempo ele desapareceu no Chile, faz muito pouco tempo que ela recebeu o atestado de óbito dele que estava perdido em um cartório no Chile e isso teve impacto inclusive na vida da família, familiar dela depois da morte dele, porque ela se casou novamente, mas ela não poderia casar, já tinha filhos e ela não podia casar porque ele não era considerado morto. Ela teve que fazer um divórcio extremamente traumático, de uma pessoa que ela sabia que tinha morrido, para poder se casar com o companheiro dela.

Tem mais gente que morreu no Chile, tem os desaparecidos na Argentina, tem um irmão, Carvalho não me lembro qual, era Joel, Jairo, Derly de Carvalho, não me lembro qual deles que desapareceu no Chile, o Edmur que desapareceu, o Edmur enfim,

é fácil de saber o nome dele, que desapareceu também no Chile e mais alguns companheiros que eu não me lembro o nome. O Onofre e tinha mais um.

(Inaudível)

O Lavechia tinha mais um, era alguma coisa.

**A SRA.** – Vitor, um que era filho de um médico.

**A SRA.** – Vitor, o Daniel Carvalho.

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – Foi o Daniel Carvalho, não foi o Jairo, foi o Daniel Carvalho, isso, isso. Bom, enfim é muito que se tem que apurar *né*, mas isso é fundamental e eu como participante dessa história agradeço a essa Comissão, estar cavoucando isso tudo, o que é muito, muito, muito duro. É isso.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Obrigado.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – O que eu vou falar é um.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Espere aí, eu vou te passar a palavra, espere um pouquinho, por favor, só um minutinho eu te passo a palavra.

Aninha, sabe o que eu queria te pedir em reunião assim, gravando? Que a gente pudesse organizar uma Audiência da Comissão sobre os atestados de óbitos, agora que a

coisa está tomando um rumo natural, oficializar isso aí, fazer uma Sessão, não é? Convidar as pessoas, Celeste, você vai falar não é?

**A SRA. CELESTE MARCONDES – É rapidinho.**

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Eu vou pedir desculpas para vocês, que eu não estou me sentindo muito bem. Então, você não vai falar do Dorival, vai?

**A SRA. CELESTE MARCONDES –** Não. É do João e do Roque.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Então, Celeste Marcondes vai fazer um depoimento.

**A SRA. CELESTE MARCONDES –** É uma coisa muito bonita, é assim, o sofrimento do Roque com a morte do João é um negócio que até hoje eu acho difícil dele vir aqui, porque foi um sofrimento muito, ele, o irmão foi para a militância através desse irmão mais velho, é uma marca no Roque que ele não fala com ninguém sobre esse irmão. E teve um dia, a gente morava junto no Chile, eu, a Aninha, o Roque a gente morava na mesma casa.

Um dia, eu estava muito triste e ele falou assim, "vamos parar de chorar? Porque quem tem razão para chorar hoje aqui sou eu. Eu estou com vontade de chorar, vamos limpar essa casa, vamos fazer um almoço gostoso, um arroz com feijão e nós dois vamos parar de chorar". Aí, ele me contou o que ele nunca tinha contado para ninguém, é um negócio lindo. Eles moravam no Paraná, em uma fazenda de gado e o cara não deixava ninguém tomar leite lá, aí ele e o João levantavam de madrugada e iam lá onde estavam as vacas e chupavam leite na teta da vaca e vinham para casa e dormiam.

Um dia a vaca caiu em cima do João, amassou o João. Ele ficou desesperado e teve que contar para o pai para ir lá e tirar a vaca de cima do João. Tirou e o João estava inteirinho arrebatado, perna quebrada, tudo e não morreu. O dono da fazenda *expulsou eles* de lá, o pai ficou sem emprego, aquela loucura e tudo em torno de um leitinho tirado da teta da vaca. E o João não morreu porque *levaram ele* em uma carroça até um médico perto e era tudo fratura, não tinha nada de amassado, foi braço quebrado, perna quebrada, esse negócio.

E o João sobreviveu, chorava e me contava, ele não morreu com a vaca, mas morreu nas mãos daqueles animais da polícia Brasileira. Aí nós dois choramos, choramos e depois nós fomos para a cozinha e fizemos uma janta bem gostosa para todo mundo e ficamos o dia inteiro chorando, eu e ele, foi a primeira vez que ele conseguiu falar da morte do irmão para alguém. Ninguém, ele nunca tinha conseguido falar e até hoje nós temos essa coisa, nós dois, a gente tem. Aí eu escrevi um conto que ficou muito famoso, que depois verteu para o francês, ele falou para mim, "você escreve"? Falei, escrevi um conto, que começava assim, "Os Animais da Tortura", que matam, a vaca foi mais suave, o peso de cem quilos da vaca foi mais suave nesse menino explorado, que não podia tomar leite, só na teta da vaca.

O conto ficou muito bonito, rodou por aí, eu nem sei por onde anda mais, mas até hoje para o Roque é uma dor, mas é uma dor, um negócio muito pesado para ele a história desse irmão. Agora, tem que, como você falou em outro dia, tem que mexer na caixa preta do Hospital Militar, tem muita gente que morreu no Hospital Militar. Deve ter uma lista lá. Eu tive um caso horroroso que também eu não consigo falar, o Hospital Militar, que eu fui acudir uma pessoa lá, mas o Roque merece todo o carinho da gente por essa dor. Imagine ele ver o irmão debaixo de uma vaca quase morrendo, já era a dor que o capital impunha para ele e depois os animais mataram o irmão dele.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Muito obrigado. Aninha, e do Dorival? Você não tem, porque eles também eram de Osasco do mesmo tempo, só que eles eram da ALN, não é? O Dorival era mais velho, ele conviveu com vocês, o Dorival?

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – Olha, eu realmente me lembro assim do nome talvez, mas não me lembro, não me lembro. Provavelmente cruzei com ele algumas vezes, mas não me lembro. Tem coisas assim, tem muitas partes da memória da gente que um pouco que desaparece.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – Agora, quem atuava em Osasco nessa época, era professora lá na igreja é a Elza Lobo. Eu e a Elza Lobo, a Elza conhecia todo esse pessoal que estudava que depois ia militar, a Elza tinha contato com todos eles lá. Ela tem uma ligação muito importante com todo esse pessoal de Osasco, ela falava a meninada de Osasco, porque ela ia lá na igreja ela era da AP e tinha contato com toda a meninada. Saíam da fábrica, iam para a escola e da escola iam se reunir em vários lugares e aí que entrava o pessoal da Elza e pode ser que ela conheça o Dorival.

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – Olha, é muito provável que três pessoas conheçam. O Roque, o Manoel Dias do Nascimento, o Neto e o meu irmão. Porque eles tinham mais contato com os operários das outras fábricas.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – O Luizão, o Stan.

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – O Luizão.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – O Stan também, o Stanislaw, eles devem ter mais memória.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – Eram da turminha lá. Turmona linda, maravilhosa.

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – O Zé Pedro também. O Zé Pedro, eu conheci.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – Mas o Neto também.

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – Mas o Neto.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – O Neto e depois o Stan. É possível.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Você ficou quanto tempo no Chile?

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – Eu fiquei três anos. Eu cheguei um mês antes da posse do Salvador Allende e saí, pela Embaixada da Argentina, onze dias depois do golpe, onze ou doze dias depois do golpe.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Você morava com o, você conseguiu entrar na Embaixada? Com quem você morava e quem desse pessoal entrou na Embaixada mesmo?

**A SRA. ANA MARIA GOMES** - Olha, da casa que eu morava só o Roque entrou na Embaixada porque os outros tinham problemas políticos no Brasil, mas tinham uma situação, eram ligados a FLACSO que eu não me lembro mais o que quer dizer, mas tinham passaporte, tinham proteção internacional. Eram professores na FLACSO, então tinham uma proteção internacional, agora dos companheiros que eu conheci, todos tiveram que entrar por alguma Embaixada.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – O Serra escreveu um artigo hoje sobre a FLACSO no Estadão, no editorial. Quer falar alguma coisa?

**A SRA. ANA MARIA GOMES** - Não.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Então, eu agradeço, você podia fazer uma, como hoje é 12 de setembro, ontem você esteve aqui na Assembleia, no dia 11 de setembro, você podia falar um pouquinho sobre o dia 11, sobre esses dias sobre Salvador Allende.

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – Posso. Eu fugi *né*, Amelinha? Eu fugi porque iria ficar um pouco pesado eu falar os dois dias *né*, mas bom, então vamos lá, *né*?

Então, eu cheguei ao Chile logo depois da eleição, foi muito para a gente, bom quero dizer o seguinte, a esquerda latino-americana, a esquerda brasileira eu acho que talvez pelo fato de a gente falar português, a gente sempre teve uma distância do resto da América-Latina de fala espanhola. Então, a gente tinha muito pouca informação, eu estou falando assim muito da minha experiência pessoal e a gente sempre teve muito pouca informação do que acontecia no resto da América-Latina e no resto aqui, do Cone Sul.

Então, quando eu cheguei ao Chile, foi uma surpresa muito grande existir a democracia, poder tratar as pessoas de companheiros, existir um Partido Socialista, existir um Partido Comunista absolutamente legal e outras organizações de esquerda também, inclusive muito mais radicais do que o Partido Socialista e o Partido Comunista e saber que existia um país que era como muito bem diz o hino nacional deles, um asilo contra a opressão.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – "Que o la tumba serás de los libres".

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – É. Fazia parte do hino nacional deles e era um lugar que recebia todos os marginalizados então, o Chile para mim foi muito importante porque me permitiu conhecer a esquerda latino-Americana inteira. Tinha a esquerda, tinha bolivianos, uruguaios, argentinos enfim, de todo lugar tinha gente. E nós tínhamos contatos e mais ainda, com a esquerda chilena e então, me permitiu conhecer um pouco o resto da América-Latina.

E um país completamente diferente porque o golpe, ele começa pelo Brasil, que foi em 64 e depois vai caindo, país, as democracias que existiam foram caindo uma por uma. Vai o Uruguai, vai a Bolívia, a Argentina que tinha havido uma ditadura, mas que estava em uma situação muito intermediária e por último o Chile.

Bom, no dia 11, como um pouco, como foi dito ontem, o golpe vinha, a esquerda chilena, como a gente estava conversando há pouco, não acreditava, eles diziam que no Chile não passava nada, "*en Chile no pasa nada*", eles diziam que os militares, eles eram Constitucionalistas, Democráticos e que em nenhum momento seria possível um golpe no Chile apesar de todas as ameaças, apesar de todo o movimento da direita, de tudo o que acontecia, eles não acreditavam, eles não acreditavam que isso fosse possível.

E era claro, porque fazia parte de uma política de controle dessa parte dentro da Guerra Fria e tudo mais, *né?* Fazia parte do controle mesmo, naquela época do Imperialismo Americano e que não era possível se permitir nenhuma Democracia, ela tinha que ser substituída por uma ditadura. O golpe então, no Chile foi violentíssimo, os estrangeiros foram todos literalmente caçados, eles foram caçados. Casas onde entravam pessoas diferentes, casas onde sabiam que tinham estrangeiros morando, o exército invadiu, levou todo mundo, tanto no caso que foi até comentado ontem, de um rapaz que ele era turista, ele foi pego, ele estava lá só para conhecer, ele foi pego e fizeram ele com mais uma porção de gente que tinha sido pega, correr em direção ao Rio Mapocho, que é um rio que atravessa Santiago, porque daí eles metralhavam e eles já caíam no rio e o rio levava. E esse rapaz foi ferido e ele correu e ele foi ferido e caiu no rio.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não foi o Nóbrega?**

**A SRA. ANA MARIA GOMES – Não.** Não foi o Nóbrega. A história do Nóbrega houve uma confusão ontem. Não, a memória falha *né?* O Nóbrega teve outra história, bom, o Nóbrega é uma história muito.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Qual era o nome desse rapaz aí?**

**A SRA. ANA MARIA GOMES -** Esse rapaz era Luiz Carlos de Almeida. Muita gente quase escapou de ser fuzilado, enfim e esse rapaz depois ele foi parar na Embaixada da Suécia e esteve na Suécia, inclusive na época em que ele chegou na Suécia, eu também estava lá, ele estava com o braço engessado porque o tiro que deram, deu no braço.

Enfim, e aí teve todos os brasileiros e latino-americanos que foram presos e foram no Estádio Nacional, alguns morreram, desapareceram como no caso do Nelson, no caso do Wânio que morreu no Estádio sem assistência médica, os outros brasileiros se exilaram em Embaixada, eu fui para a Embaixada da Argentina e é interessante eu ter lembrado muito dessa história porque tinha um Secretário na Embaixada da Argentina, que era Peronista de esquerda e a ideia, enfim a política das ditaduras latino-americanas era não deixar ninguém que tinha sido refugiado no Chile, deixar na América-Latina.

A ideia era expulsar todo mundo para a Europa, quer dizer, o mais longe possível da América-Latina e o Governo Argentino que era o Perón na época, mas já bastante controlado pelos militares, não queria, aceitou na Embaixada, mas não queria aceitar na Argentina. Então, o que fez esse Secretário Peronista? Ele pegou um punhado de cada nacionalidade, pôs no avião da Força Aérea da Argentina e mandou para a Argentina.

Bom, lá ficamos, fomos interrogados como presos mesmo, no hotel Ezeiza, mas é muito interessante eu tenho lembrado muito como dessa história porque não sei que fim levou a carreira desse Secretário da Embaixada, porque ele foi contra as orientações do próprio Governo, mas isso fez com que a vida da gente, porque existia ameaça constante de invasão da Embaixada Argentina. E enfim, a Argentina foi obrigada a aceitar não só esse primeiro grupo, que eu fui por acaso, foi um acaso eu ter entrado nesse grupo, não sei qual foi o critério, mas depois isso levou a que a Argentina acabasse recebendo todos os latino-americanos, inclusive os brasileiros claro *né*, que estavam refugiados na Embaixada da Argentina, não aceitou como refugiado na Argentina, mas foi obrigado a transladar do Chile para a Argentina.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Quanto tempo você ficou na Argentina?

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – Na Argentina eu fiquei um mês, um mês e um pouquinho, porque nós ficamos quase um mês presos esse primeiro grupo. Ficou preso na Embaixada, no Hotel Ezeiza com polícia na porta, estávamos presos *né*? Saímos quase um mês depois graças a um habeas corpus, pedido, impetrado enfim, não sei qual é aí o trâmite, pelo, na época acho que era Deputado Alfonsín, que depois foi Raul Alfonsín que depois foi Presidente da Argentina. Ele é que acionou esse habeas corpus e nós fomos soltos através de um habeas corpus, ficamos mais um pouco e fomos também depois de escolher em uma lista de, colocar três países para o qual aceitávamos ir. Só, que tinha o seguinte detalhe, se a gente não colocasse o nome desses três países, nós seríamos colocados na fronteira dos nossos respectivos países, o que iria significar evidentemente morte na melhor das hipóteses, morte imediata na melhor das hipóteses. Na pior, tortura e ter uma morte lenta.

Então, essa foi a política, eu fiquei um mês na Argentina e depois a Suécia ofereceu asilo e eu fui para a Suécia.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – Ana, como foi aquela história com a minha irmã que encontrou com você lá? Vocês estavam presos, é isso? A Marina foi lá.

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – Nesses dias em que eu fui solta.

**A SRA. AMÉLIA TELES** – Eu sou Amelinha Teles da Assessoria da Comissão da Verdade. Ontem foi aqui celebrado um momento, celebrado um momento de sobrevivência daquele povo chileno a todo o golpe militar, o Pinochet na frente desse massacre que foi não só aos chilenos, mas como aos outros militantes que ali estavam.

Então, eu queria lembrar que sempre o povo brasileiro tem que ser eternamente grato ao povo chileno. Em vários momentos nós tivemos o apoio, a solidariedade e o carinho daquele povo e eu me lembro de que em 1964 até nos dias que antecediam o golpe militar aqui no Brasil, já se pensava, na pior das hipóteses, nós podemos correr para a Embaixada do Chile, todo mundo sabia disso, que iria ser recebido no Chile.

Então, muitos Brasileiros foram, de 1964, porque você já pega outro período, mas o pessoal pega lá atrás e foram sempre muito bem recebidos, puderam estudar, assim como a gente ouviu aqui os depoimentos das crianças que viveram em Cuba, são eternamente gratas ao Governo cubano, também nós temos que ser ao Governo Democrático Chileno que houve antes do Pinochet.

A outra coisa é que nós aqui no Brasil, nós tentamos, em algum momento dessa história, manifestar a nossa solidariedade ao povo chileno, aquele país. Eu acho que tem um momento aqui, não sei se foi lembrado ontem em que eu não pude estar presente, mas houve um momento aqui em que nós criamos uma Associação de Amizade e Solidariedade Brasil-Chile, e nós fizemos várias manifestações em conjunto com os chilenos. Muitas vezes os chilenos não podiam estar à frente desse movimento porque eles estavam sendo perseguidos no Chile e podia haver um ataque da polícia chilena a eles, prisão, desaparecimentos, sempre existia essa ameaça.

Então, eu acho que é importante colocar esse movimento e desse movimento eu acho que nós aprendemos algumas coisas. Primeiro, houve um momento que nós

podemos fazer uma jornada de mulheres brasileiras apoiando a jornada de mulheres chilenas no mês de março, se não me engano em 1985. Era em que o Governo Sarney, o Sarney articulou, a pedido nosso, junto ao Ministério das Relações Exteriores para ter total, digamos assim, para que a gente tivesse um apoio governamental, estatal e que ninguém, nenhum militar chileno podia nos pegar, não podia nos prender.

Então, foi aqui a grande, nossa amiga e que deve ser sempre lembrada, a Margarida Genevois, esteve à frente desta delegação e outras mulheres da USP, dos sindicatos, eram 14 mulheres, uma delegação de 14 mulheres e foi muito importante esse momento porque o Governo Chileno massacrava as mulheres que se manifestavam. Nós assistimos a prisão de uma menina de 11 anos pelo Governo Chileno e nós exigimos dos carabineiros a presença nossa na delegacia, para registrar esse fato, porque esse fato é crime a uma criança de 11 anos e eles não queriam deixar, mesmo a gente tendo todo esse apoio do Estado Brasileiro.

Mas a Margarida Genevois ela tinha apoio além do Estado Brasileiro, ela é do estado Vaticano, do Vaticano, então ela conseguiu que todas nós entrássemos dentro da delegacia, visitássemos essa menina e nós falamos que nós iríamos fazer essa denúncia para todos os órgãos de Direitos Humanos do mundo, o que foi feito posteriormente.

Eu acho que tem um momento também muito importante do nosso encontro com os familiares chilenos, dos desaparecidos políticos e de chilenos sobreviventes ao golpe que foram presos e torturados no Estádio Nacional e que falavam que pela primeira vez quando ali no Estádio Nacional, eles ouviram falar de pau de arara porque tinha torturador brasileiro falando essa expressão, foi a primeira vez que eles ouviram. Falei que nós ainda tínhamos que passar por essa vergonha, porque eles ouviram essa palavra através dos torturadores brasileiros que estavam lá.

A Operação Condor estava em plena ação ali, já começou ali com muita força e, antes de falar do Luiz Carlos de Almeida, eu queria lembrar da Sola Sierra, que foi a Presidenta da *Agrupación de los Detenidos y Desaparecidos de Chile* e que essa mulher tem uma atuação, todas as vezes que a gente lembrar do Chile, nós temos que lembrar dessa mulher. Ela teve uma atuação extremamente forte por todo, não foi só no Chile, ela fez na América Latina toda, ela fez toda a Europa, Estados Unidos a denúncia dos desaparecidos chilenos, ela tinha um marido desaparecido.

E ela foi uma das que articulou a Federação de Familiares da América Latina a FEDEFAM que foi um espaço muito importante para a nossa participação enquanto familiares. A Sola Sierra, ela não só acompanhava todos os casos de desaparecidos políticos no Chile, como também dos torturadores e onde é que eles andavam. Então, a Sola Sierra descobriu um torturador Chileno que era da DINA que morava aqui em Mogi das Cruzes, Osvaldo Romo Mena que aqui ele tinha um outro nome, agora não me lembro, ele arranjou um nome brasileiro, um documento falso na maior tranquilidade, inclusive ele ia ser candidato a vereador em Mogi das Cruzes nessa ocasião.

E nós então fomos à OAB denunciar essa situação e pedir, no mínimo, a prisão dele. A Polícia Federal Brasileira prendeu, mas a OAB tinha dúvidas se ele deveria ser extraditado ou não para o Chile e a Sola Sierra veio aqui, nós trouxemos a Sola Sierra e ela falou, ele tem que ser extraditado. Ele tem que prestar contas dos crimes de lesa-humanidade lá no Chile. Ele, pelo menos, o dia que ela trouxe a lista das pessoas que foram assassinadas e as mulheres que foram assassinadas, porque ele assassinou muitas pessoas, torturou e assassinou. Mas as mulheres ele tinha assassinado pelo menos cem mulheres e antes de assassinar, ele estuprava.

Ele tirava de dentro dos quartéis, levava para a casa dele para tomar café, ainda chamava e dizia que elas iam tomar um lanchinho melhor porque ali no quartel estava muito pouco, levava para dentro da casa, estuprava e depois matava. Ele respondeu pelos crimes de acordo com as possibilidades lá do Chile, mas ele respondeu, porque parece até que ele teve prisão domiciliar e parece que ele não vive mais hoje. Mas foi um trabalho importantíssimo da Sola Sierra e dessa *Agrupación, de los Detenidos*.

E por últimos eu queria falar do Luiz Carlos de Almeida porque teve dois, a questão foi o seguinte, tinha dois Luiz Carlos de Almeida, olha só que, e os dois brasileiros e os dois no Chile. E um deles, e eles estavam juntos nesse momento aí que a polícia foi encurralando para o Rio Mapocho para e aí um metralhado, cai e morre e o outro sobrevive, que é esse que ela falou e isso nos deixou muito atormentados anos e anos, nós ficamos atormentados porque a gente achava que os dois eram um só, não era possível, porque os dois foram metralhados, os dois ficaram no Rio Mapocho, então era um só e que morreu, não existiu outro. Mas esse outro apareceu, muitos anos depois ele apareceu para dar esse depoimento e esclarecer essa dúvida que se mantinha junto aos familiares.

E essa história está bem relatada no Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos, Dossiê Ditadura, nesse de 2009 da Imprensa Oficial e também estão bem relatados tanto o caso do João Domingues da Silva como do Dorival Ferreira que infelizmente não sei se ainda está vivo, mas a mulher dele era a dona Esterlita e ela denunciava e em todas as oportunidades o assassinato do Dorival e nós tivemos a oportunidade naquela época de colher, em detalhes, o depoimento dela, o depoimento da Iracema, a irmã do João Domingues da Silva, o Roque Aparecido já deu esse depoimento, inclusive ele tem, ele até chegou a fazer uma verificação para ver se o dossiê tinha as informações necessárias e ele validou, digamos, as informações do dossiê.

Então, só estou falando isso para a gente esclarecer e eu sempre, esse caso do Luiz Carlos de Almeida, outro dia esteve aqui o depoimento a respeito do Nelson Kohl, tem até um filme sobre a vida dele que é interessante, que a filha faz.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – Não, o filme da filha é do outro que morreu no Rio Grande do Sul.

**A SRA. AMÉLIA TELES** – Não, eu estou falando do Nelson Kohl, mas bom, que seja de outro, mas eu estou falando do Nelson Kohl. Só um instantinho, Celeste, eu estou colocando a história do Nelson Kohl porque foi dado o depoimento aqui, foi mostrado essa parte do filme em que mostra o Nelson Kohl, mostra a esposa dele que na época, inclusive onde eles moravam porque eles vão lá em Santiago, fazem as cenas lá e nesse dia que era do Nelson Kohl, a gente queria que fosse também do Luiz Carlos de Almeida, esse que foi assassinado no Rio Mapocho, porque são dois, um não foi e o outro foi e os dois têm o mesmo nome, brasileiros.

Mas aí, um companheiro que conheceu, que não teve condições de vir dar o depoimento, então aqui nessa Comissão é necessário ainda esse depoimento e eu estou fazendo esse esclarecimento hoje, mas talvez seja até importante reiterar em outras oportunidades esse esclarecimento que acaba sendo um Luiz Carlos só e são dois, é isso que eu quero dizer.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – O filme é daquele rapaz que quando voltou, morreu no Rio Grande do Sul, o Celso. No filme, da filha do Celso, que faz e nele ele fala do Nelson, porque eles moravam todos na mesma casa, o Nelson, a Elaine, o Celso.

Então, eles moravam na mesma casa. Vieram buscar os homens da casa, levaram o Celso que depois morreu no Rio Grande do Sul e o Nelson. O Nelson desapareceu, certo? E a Célia e a Elaine pegaram as duas crianças e saíram, foram até se encontrar com o Toshio. Foram encontrar e *enfiou ela* na Embaixada da Argentina, a Célia com as crianças. Entrou na Embaixada da Argentina e o Nelson nunca apareceu. Ele tem um ginásio aqui na Vila Madalena, que ele dava aula de Biologia lá, e que todo ano faz um elogio para ele e o filme é da Flávia que é filha da Célia e do Celso. Que falou do Nelson porque o Nelson morava na mesma casa.

Aliás, era a um quarteirão da minha casa e por isso que ela saiu correndo e foi encontrar com o Toshio e o Toshio botou na Embaixada e o Toshio ficou lá. E, nossa, foi uma loucura, ele era do POC, tinha acabado, pouco tempo que ele tinha chegado lá, tinha morado um pouco comigo na casa que morou todo mundo e depois eles foram para essa casa. Ele era, nossa, tão interessante, ele foi colega de ginásio, primário, etc. e tal do Merlino dos Santos. Quem levou o Nelson para a militância foi o Merlino.

Então, as duas mães, do Merlino e do Nelson, eram vizinhas lá em Santos, já faleceram, mas são dois desaparecidos de Santos. Fizeram um negócio muito, muito triste. Para você ter uma ideia do que foi o golpe do Chile, a filha da Margarida Genevois, a Rose, com dinheiro, com documento, com tudo, sabe o que aconteceu com ela? Durante o golpe, ela teve uma dor de dente, uma infecção de dente desse tamanho assim, a cara deste tamanho e não podia sair na rua. Ela não podia sair na rua para ir ao dentista porque simplesmente tinham pego o documento dela, ela não tinha documento, ela não podia ir ao dentista, com a cara deste tamanho. Aí ela lembrou que a mãe era francesa, foi na Embaixada da França e a França conseguiu deixar ela em Buenos Aires, onde a gente se encontrou e ela não tinha nenhum documento para circular em Buenos Aires. A filha da Margarida Genevois, imagine? Com todo o conhecimento que ela tinha.

Aí, um médico do ERP, que tinha ligação cor ERP pelo do POC, veio de madrugada lá onde a gente estava, pegou e levou *ela* no hospital, eu até fui junto, arrancou dois dentes dela com a cara deste tamanho, voltamos, tomou o remédio e tudo, mas é uma coisa impressionante as vivências, sabe, tinha dinheiro, tinha tudo e não tinha um documento para ir ao dentista, para circular e ir ao dentista. Com a cara assim, coitada. A Rose, nossa, quando eu cheguei no Brasil, ela estava no aeroporto e eu falei, cadê a cara e ela falou, não tenho mais. Um negócio, situações e a minha irmã levou uma bombinha de asma para ela lá na Argentina, que ela tinha certeza que ela estava sem a bombinha, coisas desse tipo, foi uma loucura.

Agora, tem uma coisa linda. São as amizades que a gente fez no exílio. A gente ganhou família, a gente até hoje são pessoas que moravam todos juntos, um ajudava o outro, também um falava mal do outro, mas depois esquecia e tinha tudo. Eram famílias que se constituíam assim, a festa de fim de ano, coisas assim o pessoal do Rio era mais animado e ligavam mais as coisas. Teve muito sofrimento, a situação de não poder voltar era um horror. Todo dia de manhã você acordava, você não sabia nem onde você estava. Todo dia de manhã você pensava que você estava em casa e você não estava, você estava em outro país, era um negócio terrível.

Eu, a Aninha, o Roque, a Rose Genevois, a gente fez uns negócios, é família até hoje. É tão marcante que é um negócio impressionante. Eu estou aqui e só pensando no Roque, aí que peninha dele.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Quanto tempo você ficou na Suécia?

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Na Suécia eu fiquei um total de 4 anos. O meu asilo sempre foi na Suécia, mas eu morei um tempo na França para estudar.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** É verdade.

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – Então, tinha época que eu ia só para trabalhar na Suécia e os últimos anos também foi só na França, mas o meu refúgio até 79, nenhum de nós tinha nenhum tipo de documento. Nós tínhamos um documento de viagem da Convenção de Genebra de 52, se eu não me engano. Então, a gente sempre tinha que manter um vínculo. Eu queria, só bem lembrado por parte da Amelinha, sobre a solidariedade do povo chileno que sempre foi um povo muito politizado, a solidariedade deles durante a democracia quando os refugiados foram chegando cada vez mais, apesar de eles receberem durante muito tempo, mas é a partir de 68 que começou a ir mesmo muita gente, não só do Brasil, mas de outros países também.

E a solidariedade que a gente recebeu nesse momento, mas mesmo depois do golpe. Eu só entrei na Embaixada da Argentina porque dois rapazes da Democracia Cristã, correndo o risco também de levar tiro, ajudaram. Estava eu e o Roque e eles ajudaram, entretiveram os carabineiros que estavam na porta, no portão da Embaixada enquanto fingiam pedir uma informação, nós entramos. Depois eles atiraram em cima da gente, mas a gente já estava andando.

Então, o tipo de solidariedade mesmo depois do golpe, a solidariedade dos companheiros chilenos presos, o meu irmão tem relatos assim lindos de eles dividirem o cobertor e eles lá presos também e dividindo cobertor, dividindo uma fruta, então nesse 12 de setembro realmente, Amelinha, a gente tem que lembrar e esse povo irmão da gente *né*, que nos acolheu e que depois foi solidário mesmo no momento mais difícil que foi aquele golpe sangrento que eles tiveram no Chile.

Também lembrar, já que estamos lembrando, vários Embaixadores Europeus, a maioria foram assim muito solidários, também correndo riscos, mas o Embaixador que teve a atuação mais importante foi o Edelstam, da Suécia. Ele fez malabarismos para fazer a gente entrar na Embaixada, gente no porta-malas do carro dele, gente enfim, ele bolava coisas incríveis para fazer as pessoas entrarem na Embaixada. Ele tinha uma longa experiência porque ele estava em Jacarta quando houve o golpe na Indonésia e ele ajudou muita gente também a entrar na Embaixada. Durante a Segunda Guerra ele atravessava pessoal da fronteira da Noruega, Dinamarca, que estava invadida pelos nazistas, ele ajudava atravessar a fronteira para a Suécia, que não estava na Guerra, para a Suíça e foi uma pessoa assim maravilhosa. Ele já faleceu, mas uma pessoa assim, que salvou muitas vidas e de todas as nacionalidades, de chilenos, de brasileiros e enfim, de

outras nacionalidades latino-americanas. Então eu acho assim, que uma homenagem que a gente tem que prestar no dia de hoje a essa gente toda.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Danilo, tem como levantar aquele vídeo da ESPN que teve aquele jogo do Santos contra a seleção chilena, sendo que as pessoas estavam presentes no Estádio Nacional, presas ainda? Mas dá para você trazer, por favor? Da ESPN. E, que eu queria falar? Bom, aí você volta para o Brasil, não é? Que você já depôs naquele outro depoimento.

Me fale uma coisa, lá em Osasco tem alguma, tem tanta gente que deu a vida e tal, tem alguma coisa lá do Centro Zequinha Barreto, tem algum centro de memória lá em Osasco? A prefeitura apoia? Como é que está esta questão da memória?

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – O Centro do Zequinha está ótimo, na biblioteca tem cada coisa, está muito boa. Funciona lá no Sindicato dos Químicos. Tem uma biblioteca com uma bibliotecária lá, que faz pesquisa, tudo o que você pede. Conhece a Nádia Gebara, que foi mulher do Arsênio? Então, a Nádia saiu da USP, largou tudo e está só cuidando disso. Todo o sábado tem um debate, passa um filme. Eu achava legal fazer um negócio lá da Comissão da Verdade. Seria legal porque lá tem toda a infraestrutura. Sábado os trabalhadores das fábricas vão lá pegar um livro, levar o livro embora, sabe esse negócio todo? Fazer um negócio lá, seria super legal para você, eu acho super legal. Fala com a Nádia.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – A Nádia Gebara, não é?

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – A Nádia Gebara, ela é terrível, né? Ela é pior que eu, ela é pior que eu, mas é muito interessante porque ela tem aquele negócio de cultura lá e a Comissão da Verdade entrar, nem sei se você vai obter coisas lá, mas também você passar para lá que existe uma Comissão da Verdade, do que vocês estão fazendo. O que você está fazendo é maravilhoso, isso aí tem que ser exposto lá no

Centro de Cultura do Zequinha. Lembra aquele negócio do violão que você fez da mãe dela? Foi a ideia da Nádia. A mãe dela guardou um violão. Você soube dessa história?

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – Eu contei, eu e a Ieda contamos.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – Então, esse negócio é da ideia dela de fazer a cerimônia de entregar o violão, a mãe dela entregou, foi muito bonito. Eu acho que vale a pena, não é pegar o que eles teriam a dizer, mas o que vocês têm a dizer para os trabalhadores de lá. Sabe, é outra volta. O que vocês já fizeram, que não fizeram, aí vai aparecer forçosamente coisas de lá, famílias e um monte de coisa, até eu acho muito interessante você usar um, ah, vocês merecem, ser falado, ser contado tudo o que vocês estão fazendo, dar um empurrão assim nas coisas, contar tudo, meu Deus do céu, vão lá com imprensa, com Estadão, Globo, põem tudo lá. A gente consegue, é só marcar, também tem que falar um pouco de vocês sabe, o que vocês estão fazendo. Desculpa (ininteligível).

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Está bom.

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – Eu, respondendo a pergunta, eu não acompanhei.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Você mora em Osasco?

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – Não, eu moro desde 1990, eu moro em Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, na capital. Eu fui para lá para trabalhar, na Universidade. Então, eu não acompanhei, eu estive duas vezes em Osasco só, que me convidaram para um evento sobre a guerra, sobre a greve, olha *né*, de 1968, mas eu não

acompanhei esse movimento todo de criação do instituto. Agora, a Celeste lembrando, pelo que eu me recordo da ideia de homenagear minha mãe foi da Ieda. Não teve vínculo, pelo que eu me lembro de não sei por que, eu não estava aqui com o instituto.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – A Ieda falou que o negócio do violão, a ideia foi minha, porque eu fui na casa da sua mãe, dormi lá e vi o violão, lembra? Foi esse violão aí, falei para a Ieda.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Celeste, mas você podia falar no microfone, não é? Dá o mesmo drama. Não, mas pode falar daí.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – A ideia, o Centro Zequinha, ele está funcionando super bem porque ele tem um espaço físico e ele tem grana também do Sindicato dos Químicos onde o Arsênio, que era do POC ,que tinha toda essa cabeça de fazer passado, de fazer história, o Arsênio era um cara genial, era meu amigo desde 64. Tem uma cabeça assim de fazer história, estudar, fazer biblioteca, ele faleceu e tudo isso aí foi em cima de formar lá. Aí, essa ideia de homenagear a mãe dela com violão e trazer, me passou para o Centro do Zequinha, organizou tudo.

Eu acho que a atividade cultural que eles têm lá merece receber vocês lá e vocês merecem falar de vocês e falar um monte de coisa. Claro que a gente vai arranjar duas ou três pessoas que foram torturados que vão prestar depoimento, certo? O Stan conhece todo mundo lá, que se ferrou o Stan conhece e ele é legal, ele chama, não tem essas coisas de não chamar e.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Mas deixa eu perguntar uma outra coisa no microfone, você e o Toshio fizeram a curadoria daquele ciclo de debates sobre a ditadura lá no.

**A SRA. CELESTE MARCONDES – No SINDSPEF.**

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Vocês tinham vários filmes documentários.

**A SRA. CELESTE MARCONDES –** Tinha.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Vocês não podiam fazer um resumo daquelas sessões aqui na Comissão? E trazer a autorização para a TV Assembleia projetar aqueles filmes que vocês trouxeram?

**A SRA. CELESTE MARCONDES –** Vamos ver. Olha, o Toshio, ele tem uma incapacidade de usar tecnologia que é um horror. Teve, exatamente, ele não usa tecnologia e teve, por exemplo, o último debate, que foi muito interessante, que veio desde a construção da liberdade operária, teve velinhos lá que apareceram, até chegar no PSTU, teve gente de tudo quanto é linha, partidão, foi lindo, tinha umas 240 pessoas. Tu sabes que ele não ligou um negócio, só gravou e não filmou? Você acredita em uma coisa dessa?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Mas gravou o áudio?

**A SRA. CELESTE MARCONDES –** É, tem o áudio, mas o que tiver eu acho que vale a pena juntar.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Inclusive os filmes.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – É, vale a pena.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – São três filmes, que vocês.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – Tem, tem aquele primeiro filme do Alípio, que aquele é muito bom. Aquele você já tem, não tem?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – É que ele estava lá, eu estava lá com dele.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – Aquele é muito bom, aquele eu tenho aqui na minha bolsa. Tem que botar na Assembleia, com o seu nome lá. É muito bom aquele filme, do Alípio é fácil, aquele primeiro dia é fácil, depois teve o do pessoal do PSTU gravou alguma coisa porque estava o Didi lá, tem bastante coisa gravada, pode pedir para eles e tem um negócio interessantíssimo, foi o depoimento da Ângela Mendes de Almeida. Ela faz, se eu tiver gravado, se não tiver ela faz outra vez aqui para a Assembleia, tem que fazer. Ela tem um histórico que ela escreveu, é a tese dela, da POLOP, desde a POLOP, as divisões da POLOP, das teorias políticas, é muito interessante o que ela faz. Eu acho que tinha que ser chamado aqui para gravar, chamada pelo...

(Inaudível)

Mas ela não gravou.

**A SRA.** – Ela falou sobre a POLOP.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – Não, da POLOP ela não falou aqui. Ela falou do Merlino. Da POLOP ela já falou?

**A SRA.** - Falou, mas ela pode fazer de novo.

Não, porque agora foi um negócio que teve três horas falando, muito interessante e teve discussões da Ângela e do Ceici. O Ceici, a voz dele é muito baixa assim, ele fala baixo, mas ele tem um livro também sobre a POLOP, é muito interessante o que o Ceici tem para falar, em termo de formação da população, de como deve ser formado, não tem nada de divergência política, nada dessas coisas, isso que foi bom naquele seminário, em nenhum momento teve crítica a não sei quem, nada, nada disso. Foi muito, muito bom porque foi assim, teoria, o que é? Como é que faz o trabalho? O que a gente vai fazer? Em nenhum momento teve discussão de nada. Isso tem o carimbo do Toshio, não é? Ele não admite, ele discute, como ele acredita na revolução ainda, então o carimbo dele é esse, nada de crítica, nada de não sei o que, e aliás ele vinha hoje aqui e não veio porque ele está muito emocionado, grudado na televisão por causa das coisas lá, mas é muito interessante trazer aqui para a Assembleia. Todo o documento que tiver lá, e trazer e botar no seu nome na TV Assembleia. Você, meu Deputado.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – No nosso.

**A SRA. CELESTE MARCONDES** – Eu vou ver isso, tá?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Está bom.

**A SRA.** – (inaudível), vai trazer o atestado de óbito do Drumond.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Amanhã? Então, amanhã a Sessão é sobre o atestado. Que horas abre a Sessão de amanhã?

**A SRA.** – Às 15 horas. É a partir das catorze, mas ele vai falar às 15 horas, da Família Drumond.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Sobre o atestado de óbito, a retificação do atestado de óbito. Só para ir concluindo então, que eu estava vendo se dava tempo para passar um filme inédito sobre o Estádio Nacional. Hoje à noite lá em Santo André vai ser a preparação de um grande seminário que vai ter no ABC de 3 dias sobre o golpe no Chile, 21, 22 e 23 lá no ABC.

Bom, eu acho que, eu queria exibir um documentário sobre o Estádio Nacional, mas eu acho melhor a gente ir abreviando, não é? E agradecer ao pessoal que está cobrindo aqui a Sessão, agradecer mais uma vez a sua presença, muito obrigado. A Sessão está encerrada.

(Aplausos)

\* \* \*